

APRESENTAÇÃO

O sistema sexo-gênero é uma das estruturas fundantes das sociedades ocidentais. Desde o início dos anos 1975, aquela que seria considerada pioneira dos estudos *queers*, Gayle Rubin, identificou como insuficientes, em dois momentos distintos, as teorias sociais que tentavam interpretar o gênero, a condição das mulheres e as sexualidades dissidentes. Rubin, cujos esforços abriram novas possibilidades de pensar as opressões de gênero e sexualidade, viu parte de suas discussões aprofundadas no diálogo entre Judith Butler e Nancy Frayser.

O aprofundamento destas discussões promoveu um interregno povoado por um debate tímido que culminou no afastamento das leituras sobre as questões de classe e as questões *queers* e de gênero que só nas últimas duas décadas voltariam a figurar na academia brasileira a partir da expansão do uso da interseccionalidade. Esta chave de análise que visa a conexão entre as opressões de gênero, classe, raça, sexualidade e outros marcadores da diferença, adaptara das experiências de sujeitos *ponte* a necessidade de repensar como analisamos, pensamos e escrevemos a História.

O dossiê *Marxismos, feminismos e sexualidades: entre convergências, integrações e performatividades* foi elaborado a partir do reflexo desta recente reaproximação. O efeito epistêmico deste número da revista *Emblemas* é o de possibilitar o intercâmbio. Isto é, evidenciar como as

diferentes teorias sociais se conectam, interconectam e como viajam os oceanos definindo, sobretudo, as especificidades espaciais e temporais que desafiam os movimentos feministas, LGBTI+ e *queers* a estabelecerem novas alianças teórico-práticas.

Neste sentido a filósofa Jéssica Omena Valmorbida (PPGF-USP) recupera, a partir de feministas marxistas, como as relações e práticas de cuidado historicamente construídas como um atributo “natural” das mulheres, são alicerces fundamentais do capitalismo. Em *Da produção à reprodução: diálogos entre feminismos e marxismo* Jéssica Valmorbida evidencia o renovado debate marxismo, gênero e raça colocando como primordial a necessidade de unificação das lutas respeitando as especificidades.

O debate teórico produzido por Jéssica Valmorbida pode ser corporificado com a intervenção metodológica da historiadora Flávia Pereira Machado (PPGH-UFG). Em seu texto, a historiadora destaca a presença, o protagonismo e os desafios do movimento de mulheres dentro da luta pela reforma agrária. A partir deste contexto, Flávia Machado evidencia os antagonismos dos feminismos a partir da incorporação da perspectiva decolonial.

Ao narrar as diferenças de experiência e de protagonismo das mulheres, em específico do MST, a autora demarca a importância da renovação metodológica frente a produção da História Oral. A contribuição de Machado pode

ser dividida em duas camadas: uma primeira a partir da incorporação da geopolítica na qual os feminismos estão incorporados; e uma segunda, na necessidade de desenvolvimento de uma metodologia dialógica que se afasta de parte da tradição historiográfica.

Seguindo a lógica da reinvenção pelo modo analisar e narrar os processos políticos a psicóloga Denise Berruezo Portinari (PPGD-PUC/RIO), os designers Carlos Guilherme Mace Altmayer (ESDI/UERJ) e Nina Reis Côrtes (PPGH-PUC/RIO) utilizam-se da interdisciplinaridade para compreender como diferentes pensadores do gênero, da sexualidade e da teoria marxista são incorporados na arte e na performance. Em *Diálogos e práticas feministas: ações estético-políticas contemporâneas* as pesquisadoras e o pesquisador analisam a performance “Um violador em seu caminho” do Coletivo *Las Tesis* e o videoclipe “Eu sou peluda” da banda Guerrilha Garagem.

Já em *Problematizando: porque a política parece ser um universo masculino?* O historiador Cristian de Paula Sales Moreira Júnior (PPGH-UFG) investiga, a partir de uma narrativa a contrapelo, as origens da masculinização do espaço político. Assim como Jessica Valmorbida, o pesquisador repensa como a estrutura de opressão a partir do gênero se organiza e quais são os papéis sociais ocupados pelas mulheres no capitalismo.

O diálogo proposto por Cristian Junior é expandido na intervenção de Guilherme Antunes Leite (GETEH-UNICENTRO) e Alessandro de Melo (GTEH-UNICENTRO), que ampliam as visões sobre o sexismo. Em

Patriarcado, raça e capitalismo: o heterossexismo como padrão de dominação, opressão e exploração de vidas LGBTI os autores defendem que não só o sexismo é parte fundamental no processo de organização estratificação social, como também a heterossexualidade.

Ao partirem do ponto de vista das adversidades da vivência LGBTI+ os autores advogam que parte desta estrutura de violência está na tentativa de definição da heterossexualidade como um padrão irrevogável e na formação da família monogâmica como modelo a ser seguido. E é, também, a partir destas violências que Adriano Rogério Cardoso (UFMS) e Tânia Regina Zimmermann (PPGE-UFMS) ampliam uma análise sobre as formas de representação e significado da sexualidade. Investigando o contexto escolar, os pesquisadores investigam como a homofobia é reproduzida na escola a partir da ausência de uma política pública de combate a violência contra pessoas LGBTI+.

A Seção “Artigos Livres” traz a contribuição “Cartografias Improváveis: Postais da (In)Visibilidade” de Ludmila dos Santos, socióloga, e seu Alunado apresentam o relato de experiência referente à produção de cartões-postais realizados coletivamente como experimentação em uma disciplina ministrada pelos Cursos de Ciências Sociais/UFCAT “Introdução às Ciências Sociais” que são 14 postais e seus textos endereçados a um/uma interlocutor/a.

A segunda contribuição é de Tânia Maia Barcelos e Vitória Mércia Santos, Psicólogas, que no artigo “Encontros com Raul Seixas; Cartografias e Devires da Subjetividade”

utilizam a categoria analítica “cartografia” para dimensionar resistências e devires não dominantes através da “dimensão invisível da produção de subjetividade”.

Finalizando, este número da Revista *Emblemas*, a historiadora Débora de Faria Maia nos brinda com uma sensível e profunda resenha do livro *Feminismo para os 99%: um manifesto*.

Desejamos a todas, todos e todes uma excelente leitura!

Eliane M. Freitas (PPGH-MP/UFG-RC)

Jorge L. S. Alves (PPGH/UFSC)

Rhanielly P. N. Pinto (PPGH/UFG-RG)